

O Outro Narrado: A Narrativa Midiática Como Prática Social¹

Kassandra LIMA²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Narrar é uma prática social. Com o objetivo de defender esse argumento, o presente artigo se utiliza de Motta (2005, 2008), Martinez (2008), Medina (1998) e Silverstone (2011) para compreender a prática social de narrar a história do presente. Na intenção de refletir sobre a narrativa como uma prática social também busca-se compreender a pragmática da narrativa jornalística e a estrutura da jornada do herói.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa; jornalismo; práticas sociais.

Breve compreensão sobre os Estudos da Narrativa

A narrativa é um esquema mental eficaz para organizar o nosso estar no mundo, sendo uma ferramenta tão própria do processo comunicativo que é difícil separá-la do ato de comunicar. É própria da comunicação humana a prática de contar histórias. De contos épicos às pequenas crônicas ordinárias, o ser humano conta histórias para melhor compreender a sua existência. A história da humanidade, por exemplo, sempre esteve encadeada a partir de narrativas, como a Bíblia, os clássicos gregos, os livros nórdicos e uma série de outras publicações.

Mas antes de seguir, é preciso questionar: “Mas, afinal, o que é narrativa?”. Como observa Gomes (2015), os Estudos da Narrativa se bifurcam em duas posições opostas e complementares a fim de responder essa questão. Primeiro, os estudos estruturalistas e de análises discursivas (Vladimir Propp, Roland Barthes, Gérard Genette e AJ. Geremias) e em segundo momento os estudos narrativos inspirados na psicologia junguiana (Joseph Campbell e Mircea Eliade).

Os autores estruturalistas vão compreender a narrativa a partir de fórmulas, quadros esquemáticos e estruturas gramaticais. Já a segunda geração de estudos narrativos, não se

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

distancia dos modelos, porém examina as interferências do contexto na criação dos mitos sagrados.

Os estudos da narrativa demoraram a compreender os textos fáticos como objeto de análise. Inicialmente, os autores que se preocupavam em estudar a narrativa detinham suas atenções para os textos fictícios, próprios da literatura. Compreender que os textos margeados pelo real também possuíam processos narrativos tornou estreito, por exemplo, o caminho entre os estudos da narrativa e os estudos do jornalismo.

Através de autores como Umberto Eco (1980) e Paul Ricoeur (1994; 1995; 1997), os textos não ficcionais, incluindo as narrativas jornalísticas, determinaram um novo caminho dos estudos da narrativa, agora preocupados não só com a narrativa propriamente dita, como também, como o sujeito-leitor e o contexto do receptor no ato narrativo.

Para isso, Ricoeur (1994; 1995; 1997) ressignifica os eixos de “mimese” e “intriga” de Aristóteles em *Poética*. O francês entende a “mimese” como uma imitação criativa dividida em: tempo vivido, tempo narrado e tempo refigurado. Enquanto na “intriga” está o agenciamento de fatos, sujeitos e cenários.

No Brasil, os professores Luiz Gonzaga Motta (2004, 2008) e Mônica Martinez (2008) traçam as intersecções entre os estudos narrativos e a comunicação. Motta (2008), a partir de sua narratologia, pressupõe um estudo narrativo não somente como um braço das Ciências da Linguagem ou da Teoria Literária. “Torna-se uma forma de análise e um campo de estudo antropológico porque remete à cultura da sociedade e não apenas às suas expressões ficcionais” (MOTTA, 2008, p.3).

Martinez (2008) utiliza a Jornada do Herói do mitólogo norte-americano Joseph Campbell, do modelo de Christopher Vloger (1997) e das anotações do professor brasileiro Edvaldo Perreira Lima para compor a narrativa mítica para a narração de histórias de vida no Jornalismo, ao que ela dedica um capítulo à Jornada da Heroína.

Ainda no livro “*Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo*”, Martinez (2008) se apropria das contribuições do método biográfico da Antroposofia de Rudolf Steiner para compor uma nova abordagem da biografia humana que seja compatível com a representação de histórias de vidas reais.

A narrativa midiática e a história do presente

A breve compreensão dos Estudos da Narrativa aponta na direção de entender como o Jornalismo pode utilizar o ato narrativo em sua estrutura, além do efeito estético. Primeiro, vale destacar que hoje ao observamos os textos noticiosos na internet, em jornais impressos ou na televisão encontramos muitas vozes, porém essas não são individuais, múltiplas ou locais. Assim Lima (2014) afirma:

Os relatos pessoais estão isolados nas tragédias e desgraças que os valores-notícia tanto priorizam. É o agricultor pobre sofrendo com a estiagem no Nordeste brasileiro ou o paulistano do subúrbio que perdeu todos os seus bens em mais uma enchente. Ampliando nossa perspectiva midiática, ainda encontramos um ser humano fabricado e produzido de acordo com os estereótipos do filme publicitário. Não é a pura e simples história de vida a qual interessa a mídia, mas uma história que seja conveniente a sua agenda programada de acontecimentos. (LIMA, 2014, p.2).

O texto jornalístico da maneira como conhecemos hoje, organizado a partir da pirâmide invertida e do lead, surgiu na Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865) e tornou-se um modelo facilitador para a transmissão de informações. Karam (apud GOMES et al, 2000) sugere que existiu uma inspiração mais antiga, com resquícios na tradição grega da retórica. Ao validar essas estruturas, o Jornalismo propõe erroneamente o deslocamento para um campo meramente objetivo, porém sabido é que o lead e a pirâmide invertida não fazem da práxis profissional um lugar desassociado da subjetividade. Sobre isso Medina (1988) pontua:

A verdade de uma notícia, baluarte de um neoliberalismo (mercado livre de idéias) contemporâneo, se remete à fundamentação teórica da objetividade do acontecimento. Como diz Costalles, ‘o acontecimento é substantivo’. Mas ele também salienta que é transposto para uma mensagem, através dos sentidos, como o repórter está sujeito a uma observação perceptiva pouco objetiva, a única solução teórica é pregar certos cuidados técnicos: “(...) a missão do repórter é captar a realidade objetiva com maior amplitude e precisão possível, narrá-la com fidelidade, de tal forma que o leitor receba a mais cabal informação sobre o fato...” (MEDINA, 1988 p.20).

Medina (1988) orienta para o cuidado técnico do repórter no momento de produção do texto jornalístico, já que a subjetividade individual vai estar transposta para a mensagem. Gomes et al. (2014), em seu livro *Jornalismo Narrativo*, lembra que a versão do receptor é sempre mediada, já que “desta maneira, os meios de comunicação de massa não reproduzem a verdade objetiva ou pura sobre os fatos, mas versões intermediadas pela construção imaginária dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo” (2014, p.125).

A partir daquilo que nos é apontado até aqui surge a dúvida: é possível contar a história do presente utilizando para isso a narrativa midiática de uma forma que essa não seja meramente estética ou muito menos hermeticamente enquadrada nos modelos de sistematização do texto jornalístico?

Martinez (2008), ao resgatar o conceito da Jornada do Herói de Campbell, propõe a aplicação de um modelo em resposta às velhas bases “da atualidade, factualidade e objetividade herdadas da visão de mundo ocidental do final de século XIX” (2008, p. 29). Ao que mais à frente, ela ainda completa:

Por mais que o mundo esteja em mutação, a realidade é que a comunicação social é feita por humanos e para seres humanos. Assim, seja nas *action stories* (reportagens) ou nas *quotes stories* (entrevistas), as histórias e os depoimentos centram-se nas narrativas de seres humanos. Nada mais natural que a defesa da humanização para atingir um público em potencial que a cada dia está mais perplexo diante de um novo mundo, globalizado e sistêmico (MARTINEZ, 2008, p. 31).

Os caminhos apontados pela Jornada do Herói faz a autora chegar até duas potencialidades na aplicação da estrutura proposta por ela: a primeira é pedagógica uma vez que narrar uma história dá pistas para o leitor viver a sua própria “jornada” e outro ponto é o papel do comunicador social na construção da história de vida, ao que ela chama de “abordagem terapêutica da narrativa”, ou seja, possibilitar o resgate da arte de narrar como entendimento daquilo que se é.

Ao aproximar os Estudos da Narrativa do Jornalismo, Martinez (2008) percebe que a Jornada do Herói não compreendia os textos fáticos, ou seja, notadamente reais. Por isso, a professora usa da Jornada do Herói de Campbell, do modelo de Christopher Vloger (1997) e das anotações do professor brasileiro Edvaldo Perreira Lima para compor a estrutura da narrativa mítica para a narração de histórias de vida no Jornalismo, ao que ela dedica um capítulo à Jornada da Heroína.

Para Martinez (2008) são doze as etapas da Jornada do Herói em histórias de vidas reais: Cotidiano; Chamado à Aventura; Recusa; Travessia no primeiro limiar; Iniciação; Teste, Aliados, Inimigo; Caverna Profunda; Provação Suprema; Encontro com deusa; Recompensa, Caminho da Volta, Ressurreição e Retorno com Elixir. Porém, mais do que um guia sistêmico a proposta é compreender o personagem como eixo da narrativa:

Neste ponto, propõe-se um embricamento da comunicação social com a história oral, no sentido de que a Jornada do Herói permite não apenas traçar a história de estrelas, políticos, socialites e outras figuras marginalizados pelo poder. Ou seja, aos indivíduos que até pouco tempo não eram considerados sujeitos nem pelos historiadores nem pelos jornalistas tradicionais, que na maioria dos casos se limitavam a extrair falas esparsas destes “populares” (MARTINEZ, 2008, p. 42).

Diferente, Motta (2004) nos aponta para uma compreensão mais larga sobre narrativa e comunicação, ao definir uma pragmática da narrativa jornalística:

Está aberto, a meu ver, um caminho mais fértil e de muito maior poder explicativo e analítico para o exame dos enunciados jornalísticos como narrativas. A força narrativa dos enunciados jornalísticos estaria menos nas qualidades narrativas intrínsecas do texto das notícias e reportagens ou no confronto entre o estilo descritivo e o narrativo, mas principalmente no entendimento da comunicação jornalística como uma forma contemporânea de domar o tempo, de mediar a relação entre um mundo temporal e ético (ou intratemporal) pré-figurado e um mundo refigurado pelo ato de leitura. Uma trilha que põe a narrativa no campo dos atos de fala e das relações pragmáticas (MOTTA, 2004, p. 12).

Dessa forma, busca-se ainda perceber a narrativa como uma prática social. “Narrar é enredar pessoas, instituições e ideias, é também enredar-se como narrador” (GOMES, 2015, p. 143). A narrativa é um recorte encadeado do mundo real. Por isso, nos aproxima do outro que é leitor mas também pode ser personagem de uma história de vida composta de muitos eu’s.

A prática social de contar histórias

No início da década de 1990, os pesquisadores em comunicação resolveram dividir a metodologia de abordagem das pesquisas na área em duas: as práticas sociais e a produção

de sentido. A distinção foi um movimento orgânico da dificuldade em deter os objetos empíricos estudados nas três abordagens que vigoravam na época: emissão, mensagem e recepção. Gomes (2015) sinaliza que os estudos compreendidos pelas práticas sociais seriam a intersecção que liga a emissão e mensagem, já a produção de sentido seria o elo entre a mensagem e a recepção.

O programa de pós-graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, concentra as suas pesquisas em duas linhas, sendo elas Estudos da Mídia e Práticas Sociais e Estudos da Mídia e Produção de Sentido. A definição da primeira pode ser vista abaixo e nos ajuda a compreender ainda mais claramente qual peixe nos interessa pescar:

Pesquisa a mídia como estrutura de poder, instituinte e organizadora de processos societários nos contextos sócio-culturais do seu âmbito de repercussão. Nessa perspectiva, a mídia funciona como instância articuladora e estruturante de práticas sociais que se dão pela mediação de dispositivos sócio-técnicos. Estudam-se modalidades específicas por meio das quais a mídia condiciona e é condicionada pelos modos de relação que constituem a vida e a organização social. Examina-se o papel central da comunicação midiática -seus atores, processos, produtos e suas estratégias de interação -na construção das práticas de outros campos sociais. Esta linha estabelece diálogo com marcos analíticos oriundos de outras disciplinas que destacam a organização e o funcionamento dos processos interacionais a partir da incidência da comunicação midiática (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA, 2009).

Dessa forma, o que se busca a partir dessa compreensão é distanciar, o que não significa separar, a narrativa dos estudos da linguagem. Motta (2008) ao investigar a pragmática da narrativa jornalística compreende narrativa como um processo que tem início na emissão e só é concluído na recepção, momento em que o receptor da mensagem encadeia o ato narrativo conforme suas percepções, ou como postula Martin-Barbero (1987), a partir das mediações.

Ainda sobre a narrativa como uma prática social cabe completar, que na compreensão de Motta (2008), as narrativas midiáticas são tanto fáticas (notícias ou reportagens, por exemplo) quanto fictícias (telenovelas ou videoclipes, por exemplo). Porém, é inegável o caráter híbrido dos textos socialmente apresentados pela mídia que se utiliza do fático para provocar permanências de objetividade e do fictício para trazer sensações de subjetividade.

Portanto, a narrativa como prática vai além do que vislumbra Martinez (2008) ao teorizar um envolvimento social da mídia através do personagem como eixo narrativo. A mídia narra histórias porque esse é um esquema mental eficaz e simples para o entendimento do homem acerca do mundo, contudo, toda narrativa possui um narrador que desenha a história narrada conforme seus interesses, particulares ou públicos. A narrativa é uma forma de organizar o texto, de acordo com um intenção assim como sinaliza Motta (2008):

A partir desse entendimento nos damos conta de que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são forma de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. O discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances sócio-culturais, não são só relatos representativos. (MOTTA, 2008, p. 3)

Silverstone (2011), ao explicar a poética da mídia, termo resgatado dos escritos de Aristóteles, nos apresenta o papel sedutor da narrativa ao longo da história da humanidade e a importância dessa como preservação cultural da condição humana:

Histórias. Nós as contamos uns para os outros. Sempre fizemos isso. Histórias para consolar, surpreender, entreter. E sempre houve contadores de história, sentados junto à lareira, viajando de cidade em cidade, falando, escrevendo, encenando. Nossas histórias, nossos mitos e lendas populares definiram, preservaram e renovaram culturas. Narrativas de perda e redenção, de heroísmo e fracasso. Histórias que tanto manifestam como secretamente oferecem modelos e lições, rotas para o passado e o futuro, guia para os desorientados. Histórias que desafiam, provocam e solapam. Histórias com começo, meio e fim: estruturas familiares, temas reconhecíveis, agradáveis por sua variação; uma canção bem cantada, um conto bem contado, um suspense bem-feito. Nossas histórias são tanto públicas como privadas. Aparecem no sagrado e no profano, alegando realidade, fantasiando, apelando à imaginação (SILVERSTONE, 2011, p.79).

Conclusão

Salientamos que a pesquisa não se propõe a um esgotamento estético. Narrar é um processo sócio, cultural e político. Narrar é poder. Um bom exemplo é a narrativa política

brasileira, facilmente configurada nas abordagens propostas por Martinez (2008) e Motta (2008), sendo tema da dissertação de Lima.

Contudo, não queremos levar a um entendimento de que o ato de narrar esteja restrito apenas ao personagem como eixo. Assim como Motta (2008) apresenta, há a compreensão de que o movimento narrativo não se trata de uma unidade, mas de um encadeamento orquestrado pela mídia que é uma narradora experiente.

Barthes (apud Martinez) simplifica esse entendimento. “O mundo deixa de ser inexplicável quando se narra o mundo” (2008, p. 48). Ampliamos essa compreensão, ao entender que a prática social de narrar está intimamente ligada ao nosso existir. A narrativa é um processo mental eficaz para as incompreensões humanas, já que muitas vezes fornece lógica ao pensamento compulsivo do mundo moderno.

Porém, o que nos leva a investigar o imbricamento entre os Estudos da Narrativa e o Jornalismo? Primeiro, a falta de pesquisas na área. No Brasil, apenas os professores Martinez (2008) e Motta (2008) detiveram tempo e esforço em estudar a narrativa além do campo antropológico ou da teoria literária, como também, concentram esforços na análise dos textos fáticos, propriamente do Jornalismo.

Entretanto, é necessário ter cautela para que a seguinte análise não nos leve a um entendimento de que a narrativa é por si só uma prática social totalmente adequada para encadear o cotidiano. Buscamos, então, suscitar a reflexão de que os movimentos narrativos e a prática social se enlaçam cada vez mais na tentativa de produzir textos jornalísticos capazes de superar os velhos paradigmas e produzir novas possibilidades.

Ainda há muito que descobrir sobre os desdobramentos da narrativa diante o jornalismo e do jornalismo a partir da narrativa, confrontando não apenas as implicações dessa intersecção, mas como acontece o movimento que faz da narrativa uma prática social recorrente na narração da história do presente.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 1980.

GOMES, M. B. **Mimesis e Simulação**. 316. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015. v. 01. 140p

_____. **Transformando idéias em projetos: um guia para organização de pesquisa em comunicação midiática**. Temática (João Pessoa. Online), v. 11, p. 56-69, 2015.

GOMES, F.S, COSTA, K.V, BATISA, R.L. **Jornalismo Narrativo**. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Campos, 2004. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf> > Acesso em: 01. Jun. 2016.

LIMA, K.M.L. **Os relatos pessoais da cidade**: as micronarrativas de Humans of New York, In: Seminário Internacional de Imagens da Cultura, 10ª ed., 2014, Recife. Disponível em: < <http://anais.icci.edumatec.net/index.php/artigos/item/os-relatos-pessoais-da-cidade-as-micronarrativas-de-humans-of-new-york> >. Acessado em: 01. Jun. 2016.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica em histórias de vida no Jornalismo. São Paulo: Annablume (2008).

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto a venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1988.

MOTTA, Luiz G.(2004): **Jornalismo e Configuração Narrativa da História do Presente**, Interprogramas da Compós 2004, Brasília, mimeo (disponível no site www.compos.org.br).

_____. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.), 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa** – Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo II. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 3ª ed.

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA. Definição do programa. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/ppgem>. Acesso em: 01. Jun. 2016